

DOI 10.3994/RIEAO 2010.03.123

Revista Iberoamericana de Estudios de Asia Oriental (2010) 3: 123-157

IMIGRANTES CHINESES NO BRASIL: O CASO DE SÃO PAULO

Dr. Daniel Bicudo Vêras*

Resumo: O objetivo deste artigo é fornecer um panorama da imigração chinesa para o Brasil, um dos maiores receptores na América Latina. Estima-se que 35 milhões de chineses ultramarinos vivam em 150 países. Mais de 2.800.000 se estabeleceram na América Latina e o Brasil é o lar de 200,000. Há três hipóteses básicas: 1) Internamente, na China existem fatores econômicos, políticos, culturais e demográficos que obrigam parte de sua população a partir; 2) O Brasil, por sua vez, pelo desenvolvimento de seus mercados, torna-se um polo de atração de pessoas do mundo inteiro, incluindo os chineses; 3) Com a imigração, a sociedade brasileira adquire influências chinesas e surge a comunidade

* Daniel Bicudo Vêras é doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Atualmente trabalha na Hubei University, China.

sino-brasileira, daí decorrendo transformações culturais. A metodologia consistiu em pesquisa da literatura histórica e teórica, documentos oficiais e imprensa. Ademais, foram realizadas cinco entrevistas em profundidade com imigrantes chineses em São Paulo, em 2006.

Abstract: This article aims to provide a panorama of Chinese immigration to Brazil, one of the biggest receivers in Latin America. About 35 million overseas Chinese are estimated in 150 countries. More than 2.800.000 have settled in Latin America and Brazil is the home of 200,000. There are three basic hypotheses: 1) Internally, in China there are economic, political, cultural and demographic factors that compel part of its population to leave; 2) Brazil, in turn, for the development of its market, becomes a pole of attraction for people from all over the world, including the Chinese; 3) With immigration, Brazilian society receives Chinese influences and the Sino-Brazilian community appears, triggering cultural transformations. The methodology consisted of historical and theoretical literature research, official documents and the press. Furthermore, we performed five in-depth interviews with Chinese immigrants in São Paulo, in 2006.

Introdução

Este artigo é sobre a imigração chinesa no Brasil, com destaque para a experiência de São Paulo. Supõe-se que 35 milhões de chineses ultramarinos vivam em quase 150 países.

O Brasil é o lar de cerca de 200.000, metade dos quais está na região metropolitana de São Paulo. A América Latina como um todo abriga mais de 2.800.000. Além de permitir uma melhor visualização do deslocamento populacional, da política econômica e da globalização, isto permite identificar as relações entre este quadro global, a composição da sociedade brasileira, e a complexidade de sua identidade. Levantam-se, assim, três hipóteses básicas:

- 1) Internamente, na China há fatores econômicos, políticos, culturais e demográficos que obrigam parte de sua população a emigrar;
- 2) O Brasil, por sua vez, pelo desenvolvimento de seus mercados, torna-se um polo de atração para pessoas do mundo inteiro, incluindo os chineses;
- 3) Como resultado dos movimentos anteriores, surge a comunidade sino-brasileira em São Paulo, Brasil, onde pode-se verificar o impacto desta imigração, principalmente no tocante a transformações culturais.

A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica histórica e teórica, além de documentos (estatísticas governamentais, entre outros) e informações da imprensa. Além disso, no caso brasileiro os arquivos do Museu da Imigração de São Paulo, de 1997 a 2003, contêm entrevistas com chineses que vivem no Brasil¹. Ademais, realizamos cinco entrevistas em profundidade com imigrantes chineses em São Paulo, em 2006. Buscamos entrevistados de diferentes origens, de modo que seus perfis pudessem refletir, mesmo precariamente, a multiplicidade da diáspora. Os entrevistados

falaram sobre questões relacionadas às hipóteses acima. A pesquisa também foi enriquecida por conversas informais com brasileiros e chineses, e no caso da terceira hipótese, documentação por fotografias, coleta de documentos e visitas a locais onde seria visível a influência chinesa na cidade de São Paulo e arredores. Reuniões e comemorações da comunidade sino-brasileira foram registradas. Para a análise de dados sobre a conceituação da diáspora, os referenciais teóricos de Stuart Hall², Adam McKeown³, entre outros, foram levados em conta. A obra de Abdelmalek Sayad⁴ foi importante sobre a questão da condição do imigrante. O conceito de "exército industrial de reserva"⁵ e as teorias de Paul Singer⁶ e Herbert Klein⁷ tiveram papel fundamental na explicação dos movimentos populacionais. O pensamento de Jeffrey Lesser⁸ sobre a construção de uma nova identidade brasileira, de modo a incluir também os asiáticos e seus descendentes, deve ser destacado.

A tradição ocidental sempre considerou a China como um lugar distante, não só academicamente. Não é por acaso que ela é considerada como pertencente ao Extremo Oriente. Por razões históricas - rota de navegação, interesses económicos, grande explosão demográfica, tensões políticas e culturais - o Oriente tem sido, ao mesmo tempo que atraente para o Ocidente, uma região de expulsão para parte da população local. Edward Said⁹ retrata um processo de construção simbólica do Oriente pelo Ocidente desde remotos tempos coloniais - e quanto esta imagem alimentou e foi alimentada pela imaginação. Para os pesquisadores ocidentais, dizer qualquer coisa sobre a China exige o cuidado extra de se

auto-examinar dentro desta tradição, a fim de evitar cometer os erros e os preconceitos mais freqüentes da história.

Basicamente, existem dois tipos de forças que operam no processo de migração. Elas são as forças de atração (*pull*) e de repulsão (*push*)¹⁰. Neste caso, o continente americano na virada do século XIX para o XX teve grande força de atração por suas terras abundantes, escassez de força de trabalho e uma industrialização em desenvolvimento. Na ocasião, a Ásia (especialmente o Japão e a China) e a Europa, por sua vez, foram os lugares que obrigaram parte de sua força de trabalho a emigrar, pois tinham alta densidade demográfica, escassez de terra e uma mudança econômica da agricultura para a indústria que deixava de fora milhares de pessoas que não encontravam trabalho. Elas compunham o que Marx¹¹ chamou de "exército industrial de reserva". As ondas e os movimentos migratórios são, portanto, em grande medida condicionados à demanda de trabalho em diferentes regiões do globo. O Brasil constituía um espaço vazio a ser explorado, mesmo após séculos de sofrimento para a mão de obra africana escravizada. As Américas (*Meizhou* em chinês significa "belo continente") tornavam-se então terras de esperança para muitos - incluindo os chineses.

1. A china expulsa

Os chineses já vinham se espalhando pelo mundo, constituindo uma verdadeira diáspora. A dispersão, além da existência de uma mitologia coletiva sobre a terra de origem e a idealização do retorno são atributos comuns às diásporas¹².

Assim como ocorre em outros grupos migratórios, os chineses se deslocam a fim de satisfazer uma demanda de trabalho (*pull - push*). Com a maior população do planeta, em sua terra natal têm que enfrentar fatores determinantes para o deslocamento, principalmente nas províncias de Guangdong (Cantão) e Fujian. Essas regiões, na costa chinesa (sudeste), apresentam características especiais. Por um lado, no final do século XIX elas tornaram evidente a decadência da dinastia Qing, com superpopulação, pobreza generalizada e caos social. Por outro lado, esta região oferecia aos seus habitantes meios para se aproveitar da economia do Pacífico em transformação, e um certo grau de estabilidade e de oportunidade - que são essenciais para a emigração, especialmente em bases familiares¹³. Por todas estas razões, estas duas províncias vizinhas são as maiores fontes de emigrantes chineses, inicialmente escravizados e negociados pelos portugueses e holandeses, sob a forma de *coolies* no final do império chinês¹⁴.

Os grandes movimentos populacionais chineses tradicionalmente apresentam uma tendência para o leste, a partir de regiões inóspitas e desertas para regiões economicamente prósperas e superpovoadas na costa (como Fujian e Guangdong)¹⁵. E é a partir dessas regiões ricas em oportunidade que estas populações saem para outros países. Com perfis diferenciados, os chineses ocupam primeiramente o Sudeste da Ásia, nas Filipinas, Indonésia, Malásia, Tailândia e Cingapura, por exemplo. Vão para outros continentes depois. Fosse voluntariamente emigrados ou escravizados, os emigrantes eram vistos pelo império chinês como traidores do país. Mesmo atualmente a emigração é um assunto delicado na

China, uma vez que demonstra que muitos tiveram que sair buscando melhores condições de vida (que a terra de origem não foi capaz de promover), ou por discordância ideológica (evidenciando a falta de liberdade). No final do século XIX, no entanto, como o governo chinês começou a receber remessas de dinheiro dos emigrantes, surgia uma nova classificação e redefinição de identidades. Os chineses ultramarinos começaram a ser bem vistos (como benfeitores da pátria) e apareceram as seguintes categorias:

- *Zhongguoren* - os chineses, por assim dizer, que vivem na China e têm nacionalidade chinesa;
- *Huaren* ou *huaqiao* - os chineses nascidos no país, mas que vivem no estrangeiro, muitos dos quais detendo passaportes de outras nacionalidades;
- *Huayi* - os estrangeiros de origem chinesa.

Essas identidades¹⁶ ajudam a lidar com a vergonha de se deixar a pátria. Como os chineses da diáspora nunca o deixam de ser, eles não constroem o governo, à medida que lhe preservam a “face”. O Estado sempre teve um papel preponderante na construção da identidade chinesa¹⁷, e os chineses da diáspora, mesmo não sendo mais cidadãos chineses, no nível simbólico permanecem de alguma forma sujeitos à autoridade do país¹⁸. Por razões culturais, a ligação com a terra de origem os faz ajudá-la, através do envio de dinheiro. Como a história tem mostrado, este será um importante ativador da economia chinesa, combinado a um nacionalismo artificial construído para a consolidação da identidade do país.

O Estado chinês conseguiu criar uma identidade comum para um povo tão diverso. Unificados pela força, 56 grupos étnicos com seus próprios idiomas e costumes começaram a ter as mesmas identificações em um território de dimensões continentais. Se no presente a China Continental tem 1,285 bilhão de pessoas e Taiwan, 22 milhões¹⁹, todos eles se vêem como a "Grande China", juntamente com os *huaren* e *huayi*, pela força da presença governamental²⁰ - algo peculiar à diáspora chinesa.

A diáspora chinesa não é, portanto, homogênea. Diferentes perfis profissionais (*coolies*, empresários, intelectuais, comerciantes, *boatpeople*, etc), identificações políticas (Taiwan, República Popular da China, etc.), minorias e as cidades de origem serão de grande influência nas identificações. Mesmo aqueles que deixam a China com identidades similares, nos países de acolhimento podem mudar, como mostra Wang²¹. Este autor mostra alguns tipos de mentalidade dos *huaren*: a *mentalidade do estrangeiro*; a *acomodação* (mudança de planos - com as complicações na China, os estrangeiros têm que se estabelecer onde estão); a *assimilação total* (a vergonha da própria origem); o *orgulho étnico* e a luta pelos direitos civis; ou as *populações desenraizadas* (a "fuga de cérebros").

Após séculos de supremacia econômica, a decadência da Dinastia Qing trouxe humilhações aos chineses – sendo a mais difícil delas a transferência de Hong Kong ao Reino Unido pela derrota na Guerra do Ópio. Todo esse cenário político e as condições socio-econômicas expulsavam parte da população, que partia em condições variadas. A República da China (1911-1949) não trouxe alívio às condições de vida dos

chineses. Neste período, o país não só entrou numa guerra civil, o conflito entre os nacionalistas e os comunistas, como também enfrentou as invasões japonesas da década de 1930. Os estrangeiros continuavam na China, com seus interesses comerciais e concessões.

A partir de 1949, a China passou a ser governada por uma nova proposta social, a República Socialista. Também foi um grande marco para a retomada da emigração, desta vez com um perfil diferenciado. Na Revolução Chinesa, famílias ricas fugiram para Taiwan e outros lugares a fim de proteger os seus bens e escapar da perseguição política. É por isso que a partir desta data ouviu-se falar mais de empresários chineses se estabelecendo em outros lugares. Segundo o entrevistado Padre Pedro Jim Ming Siao (Padre Pedro)²², pelo fato do país entrar num período de isolamento, a emigração na China Continental foi reduzida significativamente. Como ele diz, no Brasil das décadas de 1950, 60 e 70, havia mais imigrantes vindos de Taiwan, pois a ilha era mais aberta, um ponto de saída. Entretanto, em Formosa havia a ameaça constante de guerra e invasão por parte de Pequim. Este foi um forte fator para a emigração de formosinos.

Na década de 1950, a população da República Popular da China, um país então extremamente fechado, tinha menos condições para emigrar. Estavam ocupados lutando contra dificuldades. O Grande Salto para a Frente, tentativa de Mao Tsé-tung de tornar o país auto-suficiente, acabou levando-o ao colapso da economia. De 1958 a 1961 o país passou por um período de fome que resultou em milhões de mortos. Na década seguinte, com a luta entre a facção do presidente Mao e a dos dirigentes do Partido Comunista, o país endureceu ainda

mais politicamente. Como resultado, de 1966 a 1976, houve a Revolução Cultural, com a perseguição aos intelectuais. Mesmo assim, muitos deles conseguiram sair do país, o que transformou a diáspora chinesa substancialmente. Essa elite intelectual revitalizou as comunidades chinesas no exterior, levando a cultura letrada chinesa para os países aonde iam, melhorando ali o *status* dos imigrantes chineses como um todo²³.

Após a morte de Mao em 1976 e a prisão do chamado "bando dos quatro", Deng Xiaoping iniciou as reformas econômicas e a abertura em 1978. Neste período, houve um abrandamento da política e um aumento do número de emigrantes, de bolsas de estudo e oportunidades no exterior. Com o crescimento econômico, houve uma atmosfera de esperança, mas o entusiasmo durou apenas até o final da década de 1980, quando setores da população exigiram uma abertura política que acompanhasse o ritmo das mudanças econômicas. Houve protestos, tendo o mais conhecido deles terminado no massacre de civis na Praça Tian'anmen em 1989, pelo exército. O acontecimento causou a saída de muitos intelectuais²⁴ e custou ao país represálias internacionais. O país levou algum tempo para se recuperar do choque, mas no início dos anos de 1990 a República Popular da China já retomava seu crescimento.

Story²⁵, McKeown²⁶ e outros singularizam a diáspora chinesa como o grande impulso para o crescimento econômico chinês. Os *huaren* e *huaqiao*, tão celebrados desde o império com suas remessas de dinheiro, tornaram-se a partir de 1978 os principais investidores no país. Por causa deles, a República Popular da China (R.P.C.) passou a receber altos

investimentos estrangeiros. Por que, entretanto, investir em um país do qual tiveram de fugir décadas antes? Porque se sentem seguros com um crescimento econômico sob controle estatal rígido, especialmente sobre os trabalhadores. A diáspora é também organizada globalmente. Houve movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos na década de 1960 e desde então a organização da diáspora chinesa pode ser vista em todo o mundo²⁷.

Comparativamente ao que aconteceu em termos econômicos, a República Popular da China abriu muito pouco politicamente. O país tem sido muito criticado por isso, por não adotar um modelo democrático do tipo “ocidental”. Além disso, a República Popular da China é criticada por tirar proveito da força de trabalho barata - mas normalmente o alto poder de compra do *renminbi* não é levado em conta, e o capitalismo mundial também faz uso dessa força de trabalho estabelecendo empresas internacionais na China. Ademais, comparativamente, outros países também podem ser chamados exploradores da força de trabalho. Internamente, o crescimento econômico transforma radicalmente a sociedade. Na República Popular da China pode-se dizer que há um processo de “latino-americanização” já em curso. Isto quer dizer que o país começa a enfrentar os mesmos problemas que já vêm afetando os países latino-americanos, devido à crescente desigualdade entre ricos e pobres. A sociedade chinesa já se tornou mais violenta do que era. Além disso, as classes médias e altas estão cada vez mais descontentes com os níveis salariais para posições altamente qualificadas e com os altos impostos (e mesmo extorsão, em alguns casos). Estes têm sido fatores recentes de emigração destes setores. A perseguição política

para alguns grupos e censura na internet ainda continuam. Estes fatores também contribuíram para a “fuga de cérebros”²⁸.

Ainda é muito difícil estimar quantos chineses ultramarinos existem. Chu Wan Tai os estima em 70 milhões²⁹, e Chin³⁰ fala em cerca de 55 milhões. A Academia de Ciências Sociais de Pequim, por sua vez, estima-os em 35 milhões³¹. Esta disparidade tem muitas causas, como a adoção de diferentes nacionalidades pelos chineses, muitas deles múltiplas, para não mencionar a situação irregular e clandestina dos chineses no estrangeiro. Por uma série de razões económicas, esta imigração clandestina é mesmo esperada nos países ricos (como mão de obra barata, por exemplo) - e os chineses, bem como outros grupos migratórios, participam neste processo. Miller³², Taylor³³, Lee³⁴ e Chin³⁵ descrevem as redes contemporâneas que alimentam o tráfico ilegal de chineses, com a participação dos “cabeças-de-cobra” e coiotes. Fujian, anteriormente um grande fornecedor de mão de obra *coolie*, é o ponto de saída do tráfico ilegal de pessoas. A região continua a exercer a sua força de expulsão. No entanto, nas últimas décadas, a China apresentou também movimentos no sentido oposto, como os de atração, de prósperos chineses ultramarinos que agora querem aproveitar o crescimento da terra natal - estes são os *guiqiao* ou repatriados³⁶, ou *haigui*³⁷. Em geral, as forças de expulsão estão relacionadas às oportunidades da China: justamente quando há mais crescimento económico e abertura política, as pessoas saem mais.

2. O brasil atrai

O continente americano, por sua vez, desde o seu achamento pelos espanhóis em 1492, ao longo dos séculos seguintes foi se constituindo historicamente como um polo de atração de população. Assim como no caso da China, as visões que a Europa tinha sobre a América Latina envolviam interesses políticos, econômicos e estéticos - e até mesmo fantasias utópicas. Um "novo mundo", ou "admirável mundo novo", como representado pela ilha de *A Tempestade*³⁸, um lugar para recomeçar - algumas vezes "atraente", algumas vezes "repugnante". O Continente sempre fôra entendido como um lugar para a exploração comercial ou militar, inspirando obras de arte e narrativas que alimentavam a imaginação europeia como um lugar exótico, distante, utópico e, ao mesmo tempo, selvagem³⁹.

Conforme visto anteriormente, todo o cenário político de decadência da Dinastia Qing e as novas condições socio-econômicas expulsavam parte da população, que partia em condições variadas⁴⁰. Os *coolies* exerciam atividades de mineração na Califórnia, na África do Sul e no Chile; também atividades agrícolas na América Central, no Peru (lá, como extratores de guano) e no Brasil (onde a iniciativa não deu certo). Nos Estados Unidos, no Canadá e no Panamá trabalharam na construção das ferrovias. Estes trabalhadores enfrentam tratamento hostil, como o Ato de Exclusão de Chineses dos E.U.A., lançado em 1882 - e racismo em muitos desses lugares. Enquanto isso, na Indonésia, nas Filipinas, na Tailândia, no México e na Jamaica, os chineses

estabeleceram-se como uma poderosa burguesia comercial, muitas vezes alcançando poder político. No entanto, ali também eles foram vítimas de crimes de ódio - nestes casos, pelo poder e *status* alcançados, e por serem vistos como "estrangeiros".

Os deslocamentos migratórios das Américas sempre foram circulares e contínuos⁴¹. O número de chineses em todos os países do continente americano tem aumentado desde o século XIX, devido à expansão do capitalismo na região. Na área do comércio, hoje em dia esta migração exhibe numerosos êxitos. Uma realidade bem diferente da do século XIX, em que os chineses vinham suprir mão de obra em plantações, especialmente no Caribe e no Peru.

Para Morimoto⁴², hábitos, rostos e sobrenomes asiáticos são inseparáveis das populações latino-americanas, sendo já parte de suas características. Mas para a configuração de hoje, a autora destaca a existência de migrações voluntárias – baseadas em decisões individuais e familiares, como no caso dos comerciantes chineses desde o século XX -; e as migrações forçadas, decorrentes de guerras, perseguições, semi-escravizações, como no caso dos *coolies* no século XIX. Este, a propósito, foi o século que testemunhou a maior migração da história, em que 50 milhões de europeus se fixaram nas Américas até as primeiras décadas do século XX. Tais países, então convertidos em provedores de matérias-primas e produtos agrícolas, atraíram mão de obra europeia e asiática.

No caso dos *coolies* do século XIX, o maior país receptor foi o Peru (90.000), e o Panamá aparece em posição de destaque. Porém ao contrário da migração europeia, a de

origem asiática não foi planejada, desejada e tampouco concordou com os ideais raciais das elites dos países latino-americanos da época. Com efeito, tais populações enfrentaram preconceito e mesmo atos de exclusão na região. Acima de tudo, entretanto, falavam mais alto os interesses vinculados à exportação e dos importadores de mão de obra. Atividades agrícolas e de construção de estradas de ferro realmente obtiveram avanço, mas as condições desumanas do tráfico e do trabalho levaram a pressões contrárias e o fim oficial do tráfico *coolie* em 1874⁴³, mas que iria durar efetivamente até 1920⁴⁴.

Fazer um quadro estimativo do número de chineses na América Latina é difícil por não haver um levantamento sistematizado, padronizado, feito nos mesmos anos, com a mesma metodologia para todos os países. Adicionam-se a estes fatores problemas anteriormente mencionados, tais como imigração ilegal, sub-registro, obtenção de múltiplas nacionalidades, miscigenação, entre outros. Por isso o mais próximo que se pode chegar são quadros estimativos, que muitas vezes se baseiam em dados bastante conservadores, que deixam de fora também a parte ilegal, clandestina – que não pode ser ignorada. Por vezes também os governos não coletam tal informação, deixando a tarefa para organizações externas. O quadro abaixo é uma aproximação neste sentido:

Quadro estimativo – chineses na América Latina e Caribe, século XXI⁴⁵

Brasil	200,000 (1)
Peru	60,000 (oficial) (1)
Venezuela	Quase 60,000 (1)

Suriname	40,000 (2)
Paraguai	40,000 (1)
Argentina	Mais de 30,000 (1)
Panamá	30,000 (1)
Costa Rica	20,000 (1)
Equador	16,500 (1)
México	10,000 (1)
Guatemala	7,000 (1)
Chile	4,000 (1)
Cuba	3,700 (1)
Nicarágua	3,580 (1)
Colômbia	3,580 (1)
Guiana	3,000 (1)
Bolívia	2,000 (1)
El Salvador	700 (1)
Haiti	200 (1)
Barbados	50 (1)
TOTAL	2,804,330

Para a Biblioteca del Congreso Nacional de Chile⁴⁶, o Brasil tem a maior concentração de chineses da América Latina, em termos absolutos. Obviamente, consideram-se aqui apenas pessoas registradas como chinesas, deixando de lado as miscigenações ocorridas em outros países, como o Peru, em que a proporção de sino-descendentes na população em geral resulta até maior do que no Brasil. Além de ser um polo de atração de população, o Brasil tem sido, desde os tempos

coloniais, um local privilegiado para o encontro com a Índia, o Japão, a África e a China. Esse contato privilegiado foi devido à mobilidade do colonizador português, que frequente e facilmente circulava entre Ásia, África e América, promovendo o intercâmbio de pessoas, bens, plantas, animais, artes e costumes. Os jesuítas também circulavam entre estas regiões a fim de realizar a dupla missão de Portugal: civilizadora e comercial. Além disso, um tipo de comércio informal entre as regiões foi iniciado, em desobediência a Portugal, que proibia o comércio direto entre elas. Assim, nenhum outro ponto das Américas teve tanta influência de China, Japão e Índia como o Brasil⁴⁷.

Após séculos de força de trabalho africana escravizada, capturada à força no continente de origem e mantida em cativeiro no Brasil, o país estava pensando em novas formas de força de trabalho no século XIX, por pressões externas e mudanças econômicas internas. O ano de 1812 marca o início oficial da imigração chinesa ao Brasil, quando o rei D. João VI autorizou a entrada de 2.000 ao Brasil para plantações experimentais de chá no Rio de Janeiro. Destes 2.000, apenas 400 vieram, e a iniciativa foi frustrada⁴⁸. Adotou-se, então, um modelo em que o branco europeu, especialmente de origem latina e católica, ocupava uma posição de destaque, trazendo-se trabalhadores de várias partes do mundo. Quando as elites brasileiras tiveram que considerar a alternativa de trazer trabalhadores asiáticos, o que iria contrariar o modelo a ser buscado, começaram as discussões acerca da identidade nacional⁴⁹. Os asiáticos eram considerados "mais dóceis" e poderiam ser "lucrativos" (comercializados como *coolies*) – mas, assim como visto em outros países, punham em risco a

identidade nacional desejada, no sentido do "branqueamento" da população. Além dos europeus, os trabalhadores asiáticos foram amplamente utilizados no Brasil, de fato. As experiências iniciais de chineses foram infrutíferas, resultando em fugas, suicídios e desaparecimento de trabalhadores. Além disso, a decadência do império Qing levou à interrupção deste fluxo para o Brasil⁵⁰. Os chineses foram, assim, preteridos em relação à força de trabalho japonesa agrícola a partir de 1908. Desta forma, a imigração japonesa tornou-se o paradigma de imigração asiática para o Brasil⁵¹. E muitos asiáticos no Brasil, fossem eles chineses ou de outros países, acabaram sendo transformados involuntariamente em "japoneses" no senso comum. São Paulo especificamente, pelas mudanças provocadas pela economia cafeeira e a industrialização, tornou-se um caldeirão multicultural. Entre 1881 e 1914, aproximadamente 4 milhões de estrangeiros imigraram para o Brasil⁵².

Os chineses continuaram vindo - especialmente depois de 1950, por conta das próprias condições sócio-políticas da China. Eles então eram mais vistos em centros urbanos, vindos da China meridional. Nos anos de 1950, mais taiwaneses entraram no Brasil (devido à maior abertura da ilha na ocasião). Como a imigração chinesa no Brasil foi majoritariamente composta de iniciativas individuais, as cidades do sudeste brasileiro ofereciam mais oportunidades a estes chineses, trabalhadores do ramo de serviços e com perfil mais empreendedor – bem diferente das propostas originais de imigração asiática para a América Latina. Se dos anos de 1950 ao fim da década de 1970 a entrada de formosinos predominou no Brasil, a partir do fim dos anos de 1980 até hoje predomina

a entrada de chineses continentais, em conexão direta com o clima político do país asiático (como observado pelo Padre Pedro, épocas de maior ou menor abertura política refletem-se no fluxo de chineses de Taiwan ou China Continental). Cada vez mais chineses continentais entram no Brasil, e num grau muito maior do que os taiwaneses. Em termos relativos, no Brasil, entretanto, não foram tão numerosos, especialmente se considerarmos que a população brasileira é de 169,6 milhões⁵³.

O fator econômico certamente tem um grande peso para determinar migrações, porém não é o único. Guerras (ou ameaças de), dissidências políticas e perseguições são fatores que levam muitos a sair da China – todos auxiliados por um maior grau de mobilidade e conectividade global, facilitado por cada vez mais modernos meios de comunicação e transporte. Estes, por sua vez, vêm em resposta às necessidades do capitalismo contemporâneo. Redes sociais, familiares, e infelizmente redes de tráfico de pessoas são também alimentadoras das mudanças sócio-culturais.

Contemporaneamente, o Brasil ainda atrai muitos imigrantes, como os africanos subsaarianos, os bolivianos⁵⁴, os haitianos - e os próprios chineses. No entanto, hoje o Brasil, assim como outros lugares da América Latina, apresenta uma tendência oposta à do início do século. Sales⁵⁵, entre outros⁵⁶, agora se referem ao Brasil como um país de emigração. Brasileiros têm partido desde a "década perdida" dos anos de 1980, preferindo submeter-se a trabalhos não-qualificados no exterior⁵⁷. Os Estados Unidos, Portugal e Japão são alguns dos mais importantes destinos dos emigrantes brasileiros. Segundo a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento

Económico (OCDE), o brasileiro é o povo ocidental que mais migra para o Japão - já formando uma comunidade de 313 mil imigrantes⁵⁸. Em 2002, apenas nos Estados Unidos, havia 783.602 brasileiros; no Paraguai, 378.247; em Portugal, 85.567; na Itália, 67.187 - de acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Em 2003, um êxodo de 2 milhões de brasileiros foi observado, um terço dos quais em situação clandestina. Estima-se que 100 mil brasileiros deixem o país a cada ano. As remessas que esta "diáspora brasileira" envia de volta para casa atingiram a marca de US\$ 4,6 bilhões em 2002-1% do PIB brasileiro⁵⁹.

3. Os sino-brasileiros

A diversidade da diáspora chinesa em todo o mundo também pode ser vista no Brasil. Entre os dados e depoimentos coletados no Brasil, percebe-se uma forte identificação com a cidade natal, refletida na alta quantidade de associações baseadas no nível local, não na China como um todo. O problema político entre a República Popular da China e Taiwan também migrou ao Brasil. Os *huaren* ainda sofrem forte influência do seu Estado de origem⁶⁰ no tocante a identidades, mesmo no Brasil. Isto resulta em certa desunião da colônia chinesa, com alguns setores defendendo a posição de Taiwan, outros defendendo a China continental. Isto pode ser percebido em certos episódios envolvendo comemorações na cidade de São Paulo, e à medida que existem jornais de São Paulo em língua chinesa com posicionamentos contrários (*Jornal Chinês* e *Jornal Americana*), e o contrangimento de

todos os meses de outubro, nos quais duas datas nacionais são comemoradas (dia 01 pelos comunistas e dia 10 pelos taiwaneses). Tudo isto reflete o quanto falta coesão aos sino-paulistanos (chineses de São Paulo). Além de serem comparativamente poucos, eles imigraram por iniciativa individual, em ondas de diferentes épocas e origens. Outros grupos, como os japoneses por exemplo, haviam tido alta participação governamental em sua imigração, vieram em grandes ondas e maior quantidade – o que os tornou mais coesos e unidos.

Considerando os dados oficiais (Censo Demográfico do Governo Brasileiro do IBGE de 1991), os chineses pertencem ao Grupo IV da classificação de Veras⁶¹, não tão numerosos quanto outros grupos majoritários (italianos, portugueses e japoneses). O Grupo IV compõe até 10% da população estrangeira da Região Metropolitana de São Paulo. Chineses continentais e de Taiwan, se somados (6.540, correspondendo a 2,09% da população estrangeira), ainda são menos numerosos do que os coreanos na região (7.423, correspondendo a 2,38%).

Os imigrantes chineses estão distribuídos por todo o oeste, sudoeste e região central da cidade de São Paulo, e as maiores concentrações estão nos distritos Liberdade, Santo Amaro, Lapa, Sé, Moema, Cambuci, Morumbi, Jardim Paulista, Vila Mariana e Itaim Bibi. Os bairros do oeste e do sudoeste são ocupados por chineses que vieram antes de 1970, a maioria dos quais eram profissionais e grandes investidores. De maneira geral, o bairro da Liberdade também abriga a maior e mais antiga concentração de chineses em São Paulo. Em São Paulo, entretanto, não há nada semelhante a uma

Chinatown, um bairro específico para os chineses. Enfim, a distribuição espacial dos chineses segue a mesma dos japoneses. Aos distritos mencionados acima, podem-se adicionar Aclimação e Vila Olímpia⁶². James Lee Hoi On também adiciona os bairros de Pinheiros, Santa Cecília e Brooklyn como sendo de concentração de chineses⁶³. Para Padre Pedro, a distribuição dos chineses está mais de acordo com a classe social da família, em particular, do que com o caráter chinês propriamente dito. Negawa⁶⁴ aponta o bairro da Liberdade como o bairro oriental de São Paulo, mas não como território chinês. Lá, pela arquitetura e estilo importados do Japão, um “simulacro do Oriente” é construído, mas no qual os orientais habitam, de fato. Os chineses, por seu caráter e histórico de comércio, são extremamente móveis. Vivem não só lá, mas também em outras partes. Por serem uma migração predominantemente urbana e com forte componente comercial e empreendedor⁶⁵, os chineses são atraídos pelas oportunidades que a economia de São Paulo oferece neste sentido. É uma cidade com uma desenvolvida economia de comércio, indústria e serviços. Outras cidades brasileiras, entretanto, especialmente no sul e sudeste do país, ainda que em menor escala, também oferecem oportunidades atraentes aos chineses.

Quando se trata de dados não-oficiais, as estimativas sobre a quantidade de chineses no Brasil ainda são muito díspares, havendo grande amplitude entre elas. Enquanto a Biblioteca del Congreso Nacional de Chile⁶⁶ os estima em 200.000, a Overseas Compatriot Affairs Commission, R.O.C.⁶⁷ e Lawrence Phi⁶⁸ acreditam haver entre 100.000 e 150.000 chineses no Brasil, assim como Wong Sun Keung⁶⁹.

James Lee Hoi On, por sua vez, os estima em cerca de 100 mil - dos quais, 80% estariam estabelecidos no estado de São Paulo, nas cidades de São Paulo, Campinas, Jundiaí, Osasco e Barueri⁷⁰. Estas são muito diferentes, especialmente se comparadas às da *Revista Ponte*, publicação sino-brasileira de Campinas-SP, que os estima em 150 mil famílias em São Paulo, 600 famílias de Campinas e 200 famílias em Mogi das Cruzes e Suzano⁷¹. No entanto, pesquisas não oficiais mencionadas por Bellini⁷² lembram cerca de 250 mil chineses e descendentes no Brasil, 190 mil dos quais residentes em São Paulo. Sobre este assunto, os números oficiais são muito menores do que as estimativas de indivíduos e entidades chinesas no Brasil. Isto, portanto, reflete a situação da diáspora chinesa no mundo como um todo, o que torna mais difícil a precisão. Além disso, como visto acima, o ramo da diáspora que rumou ao Brasil tem um caráter fragmentado, disperso e desconexo, vindo em ondas de diferentes temporalidades, e com múltiplas identidades. Entretanto, muitas são as contribuições dos chineses a São Paulo. Além das inúmeras lojas de chineses, o perfil empreendedor dos imigrantes se faz conhecido pelas famílias Wey, Phi e Sieh, por exemplo, e as empresas Braswey, Brasfanta, Wow, Luca, Mônica Flautas, Moinhos Pacífico, etc. Sobre a parte científico-acadêmica, nas universidades, especialmente com os chineses que vieram muito jovens ou os de segunda geração (*huayi*), a colônia também deu grande contribuição. Os chineses transformaram radicalmente a culinária (à medida que trouxeram novos ingredientes e sabores através de seus restaurantes), as técnicas terapêuticas (acupuntura e acupressão, por exemplo) e artes marciais (kung fu / tai chi chuan) no Brasil. Na política,

William Woo e Roger Linn, de partidos de diferentes orientações, representam a comunidade. Na Igreja, Padre Pedro e Bispo Yu Ping - este, servindo na Amazônia⁷³ - prestam assistência. Nas artes, Chang Dai-Chien produziu no Brasil (mais especificamente na cidade de Mogi das Cruzes, estado de São Paulo), grande parte de suas peças - e cursos de caligrafia e pintura chinesas se multiplicaram. Em sua pesquisa sobre a vida associativa dos chineses em São Paulo, Shyu⁷⁴ constata a existência de 115 instituições e 16 escolas de língua chinesa. À medida que muitas destas instituições são ligadas à cidade natal, à vila local, e não à China como um todo, isto pode sugerir uma diversidade de identidades entre os sino-brasileiros. Politicamente, algumas delas têm orientações bastante diferenciadas – umas defendendo a independência de Taiwan, e outras defendendo a posição de Beijing sobre o assunto. Apesar da grande influência da cultura brasileira sobre os chineses em São Paulo - na alimentação, na religião, na língua e na integração das novas gerações, existe ainda uma forte herança da China rural. Atualmente, o crescimento econômico da China deu aos chineses e descendentes de São Paulo um papel de destaque, à medida que eles podem ajudar muito na ponte das relações entre Brasil e China. Muitos trabalham como jornalistas, intérpretes, assessores, etc.

Para muitos entrevistados chineses, os brasileiros são pessoas agradáveis, "sem preconceitos", que vivem "para o hoje", mimam os filhos e gostam de relaxar. O país também é visto por eles como uma terra de paz e esperança, um novo país, em construção, com tanto por se fazer. Para Severino Cabral, do IBECAP, os chineses se sentem bem no Brasil por não sentirem ali discriminação de cor ou credo

político-religioso, tendo membros da comunidade chinesa êxito não só no comércio, como até nas forças armadas brasileiras⁷⁵, governo, ciência e outras áreas.

Conclusões

No jogo das forças envolvidas no processo da globalização, atração e repulsão são importantes no processo de migração, e isto pode ser verificado em certa medida na imigração chinesa ao Brasil. Na primeira metade do século XX a abundância de pessoas no país asiático e a riqueza de terras encontrada em terras americanas encontraram uma complementação mútua de suas necessidades econômicas naquele momento histórico. E isso teve um impacto sobre a cultura das duas regiões, assim como pode-se dizer também que suas culturas têm uma relação complementar. Por suas características, a comunidade chinesa no estrangeiro constitui uma diáspora, e o Governo Chinês continua a desempenhar um papel decisivo na construção da identidade dos chineses ultramarinos (por exemplo, definindo-os como os chineses no exterior; quer *huaren* ou *huayi*). Essa relação e a transformação social são dinâmicas, sendo agora o Brasil e a América Latina polos de repulsão de força de trabalho, e China de atração de retornados. A idealização do retorno é uma realidade do pensamento do imigrante, e isto foi verificado nesta pesquisa de uma maneira bastante particular no caso brasileiro.

Voltar à China? Nenhum dos entrevistados demonstrou esta intenção - a não ser de férias, ou para um

projeto específico de curto prazo. Apesar dos casos bem conhecidos de *guiqiao* ou *haigui* (retornados), a maioria dos retornos à China dão-se sob a forma de investimentos⁷⁶. Na antiga relação Brasil-China, uma complementação mútua pode ser vista. Ambos os países compartilharam a presença portuguesa, o que permitiu o intercâmbio histórico, e atualmente existe uma comunidade sino-brasileira, especialmente na Região Metropolitana de São Paulo, devido às oportunidades de comércio e indústria que a cidade oferece, visto que a imigração chinesa no Brasil é predominantemente urbana e com forte caráter empreendedor, o que transformou a cultura brasileira de forma significativa. O Brasil é parte da diáspora chinesa, de fato, e embora haja uma herança chinesa e preservação de costumes, não há nenhum pedaço da China transplantado ao Brasil. Algo de novo surgiu, uma comunidade que também é brasileira, afinal, e que é chave para a compreensão e a amizade entre os dois países.

¹ Museu da Imigração, *Série Depoimentos. Setor de História Oral*, Depoimentos coletados por Sônia de Freitas, São Paulo: Museu da Imigração, 1997-2003.

² Hall, Stuart y Sovik, Liv (ed.), *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, Brasília-DF: UFMG, UNESCO, 2003.

³ McKeown, Adam, "Conceptualizing Chinese Diasporas, 1842 to 1949", *The Journal of Asian Studies*, 58, N.º 2 (maio) (1999), pp. 306-337.

⁴ Sayad, Abdelmalek, *A imigração. Ou os paradoxos da alteridade*, São Paulo: USP, 1998.

⁵ Marx, Karl, *O capital – Crítica da Economia Política*, 2.º vol., cap. XXIII, São Paulo: Nova Cultura, 1985.

⁶ Singer, Paul, *Economia política da urbanização*, São Paulo: Brasiliense, 1973.

⁷ Klein, Herbert, “Migração internacional na história das Américas”, en Boris Fausto (ed.), *Fazer a América*, São Paulo: EDUSP, 2000, pp. 13-32.

⁸ Lesser, Jeffrey, *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*, São Paulo: UNESP, 2001.

⁹ Said, Edward, *Orientalism*, New York: Vintage Books, 2003.

¹⁰ Conforme em Klein, “Migração”; Paiva, Odair da Cruz, *Breve história da Hospedaria de Imigrantes e da imigração para São Paulo*, série Resumos, n.º. 7, São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, Memorial do Imigrante/Museu da Imigração, 2000; e em Singer, *Economia*.

¹¹ Marx, *O capital*.

¹² Sobre diásporas, conferir Hall, *Da diáspora*; McKeown, “Conceptualizing”; Safran, William, “Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return”, *Diasporas: a Journal of Transnational Studies* 1 (1) (1991), pp. 149-179; e Sayad, *A imigração*.

¹³ McKeown, “Conceptualizing”.

¹⁴ O tráfico de *coolies* durou de 1840 a 1920 - Yang, Alexander Chung Yuan, “O comércio dos ‘coolie’: 1810-1920”, defesa de tese, Universidade de São Paulo, 1974.

¹⁵ Apesar da atual “marcha rumo ao oeste”, na qual o desenvolvimento se dá em direção ao oeste do país, com a população *Han* ocupando áreas nas quais ainda não são maioria.

¹⁶ Wei-Ming, Tu, “Chapter 1 – Cultural China: The Periphery as the Center”, em Tu Wei-Ming (ed.), *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*, Stanford: Stanford University Press, 1994, pp. 1-34.

¹⁷ Huntington, Samuel P., *O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial*, Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

¹⁸ Um fato de grande impacto sobre as identidades dos *huaren* e *huayi* foi o fim da Lei da Dupla Cidadania adotada pela República Popular da China em 1980. Para muitos deles renunciar à cidadania chinesa e adotar uma nova foi motivo de agonia - Li, Victor Hao, “Chapter 10 – From Qiao to Qiao”, em Tu Wei-Ming (ed.), *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*, Stanford: Stanford University Press, 1994, pp. 213-220.

¹⁹ Editora Abril, *Almanaque Abril 2002*, São Paulo: Abril, 2002.

²⁰ Huntington, *O choque das civilizações*.

²¹ Wang, L. Ling-chi, “Chapter 9 – Roots and the Changing Identity of the Chinese in the United States”, em Tu Wei-Ming (ed.), *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*, Stanford: Stanford University Press, 1994, pp. 185-212.

²² Uma referência histórica no tocante à imigração chinesa no Brasil pelo seu papel ativo na comunidade sino-brasileira de São Paulo por mais de 50 anos.

²³ Gungwu, Wang, “Chapter 6 – Among Non-Chinese”, en Tu Wei-Ming (ed.), *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*, Stanford: Stanford University Press, 1994, pp. 127-147.

²⁴ Schwarcz, Vera, “Chapter 3 – No Solace from Lethe: History, Memory, and Cultural Identity in Twentieth-Century China”, en Tu Wei-Ming (ed.), *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*, Stanford: Stanford University Press, 1994, pp. 64-87.

²⁵ Story, Jonathan, *China: a corrida para o mercado*, São Paulo: Futura, 2004.

²⁶ McKeown, “Conceptualizing”.

²⁷ Kwong, Peter, *Forbidden Workers: Illegal Chinese Immigrants and American Labor*, New York: The New Press, 1997.

²⁸ BBC - British Broadcast Corporation, The, “China sofre pior fuga de cérebros do mundo, diz relatório”, BBC (2007), www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2007/02/070213_chinafugacerebrosfn.shtml.

²⁹ Museu da Imigração, *série Depoimentos*. N.º 80. Entrevistado: Chu Wan Tai.

³⁰ Chin, Ko-Lin, *Smuggled Chinese. Clandestine Immigration to the United States*, Philadelphia: Temple University Press, 1999.

³¹ BBC, “China sofre”.

³² Miller, Mark J., “Illegal Migration”, en Robin Cohen (ed.), *The Cambridge Survey of World Migration*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 537-540.

³³ Taylor, Lawrence D., “Chinese Smuggling across the U.S.-Mexican Border, 1882-1916”, en Theo Crevenna (ed.), *Annual Proceedings from the Rocky Mountain Council of Latin American Studies*, Albuquerque: Latin American Institute of the University of New Mexico, 1992, pp. 93-107.

³⁴ Lee, Erika, “Enforcing the Borders: Chinese Exclusion along the U.S. Borders with Canada and Mexico, 1882-1924”, *Journal of American History*, 89 (1) (2002), pp. 54-86.

³⁵ Chin, *Smuggled Chinese*.

³⁶ BBC - British Broadcast Corporation, The. “‘Milagre econômico’ atrai imigrantes de volta para a China”, BBC (2002), http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021023_chinasapato.shtml; e conferir também Gungwu, “Chapter 6”.

³⁷ *Haigui*, ou “tartarugas marinhas”, são os chineses ultramarinos que, após um período no exterior, voltam à China, ou “nadam de volta para casa”. Em 2007, apenas em Shenzhen, 10.000 retornados haviam sido contados, de acordo com Ximin, Han, “City registers 10,000th haigui”, *Shenzhen Daily*, Shenzhen, 22 de agosto de 2007, p. 3.

³⁸ Shakespeare, William, *A tempestade*, Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

³⁹ Como descrito em Galeano, Eduardo, *Os nascimentos (Memória do fogo*, vol. 1), Porto Alegre: L & PM, 2010; e em Schivelbusch, Wolfgang, *Historia de los estimulantes*, Barcelona: Anagrama, 1995.

⁴⁰ Conferir: Chou, Diego Lin, *Los chinos en Hispanoamérica*, San José de Costa: FLACSO, 2003; Banco Interamericano de Desarrollo (ed.), *Cuando Oriente llegó a América; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*, Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, 2004; Hui, Ong Jin, “Chinese Industrial Labour: coolies and colonies”, en Robin Cohen (ed.), *The Cambridge Survey of World Migration*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 51-56; Leite, José Roberto Teixeira, *A China no Brasil. Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras*, Campinas: UNICAMP, 1999; Wei-Ming, “Chapter 1”; e Yang, “O comércio”.

⁴¹ Siu, Lok, “Capítulo 4 – Panamá. El ferrocarril, la tienda y el barrio”, en Banco Interamericano de Desarrollo (ed.), *Cuando Oriente llegó a América; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*, Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, 2004, pp. 79-98.

⁴² Morimoto, Amelia, “Introduction”, en Banco Interamericano de Desarrollo (ed.), *Cuando Oriente llegó a América; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*, Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, 2004, pp. 1-12.

⁴³ *Ibíd.*

⁴⁴ Yang, “O comércio”.

⁴⁵ Fontes: Biblioteca del Congreso Nacional de Chile, “Chinos en Latinoamérica”, Biblioteca del Congreso Nacional de Chile (2008): <http://asiapacifico.bcn.cl/reportajes/chinos-en-latinoamerica>; Romero,

Simon, “With Aid and Migrants, China Expands Its Presence in a South American Nation”, *The New York Times*, 10 de abril (2011): http://www.nytimes.com/2011/04/11/world/americas/11suriname.html?_r=1.

⁴⁶ Biblioteca del Congreso Nacional de Chile, “Chinos en Latinoamérica”, Biblioteca del Congreso Nacional de Chile (2008), <http://asiapacifico.bcn.cl/reportajes/chinos-en-latinoamerica>.

⁴⁷ Leite, *A China no Brasil*.

⁴⁸ Freitas, Sônia Maria de, “Capítulo 5 – Brasil. Desde Hong Kong a São Paulo”, en Banco Interamericano de Desarrollo (ed.), *Cuando Oriente llegó a América; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*, Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, 2004, pp. 99-114.

⁴⁹ Conferir Freitas, Sônia Maria de, “Falam os imigrantes: armênios, chineses, espanhóis, húngaros, italianos de Monte San Giacomo e Sanza, lituanos, okinawanos, poloneses, russos, ucranianos. Memória e diversidade cultural em São Paulo”, defensa de tesis, Universidade de São Paulo, 2001; Freitas, “Capítulo 5 – Brasil”; Leite, *A China no Brasil*; Lesser, *A negociação*; e Mendonça, Salvador, *Trabalhadores asiáticos*, New York: Novo Mundo, 1879.

⁵⁰ Conferir Freitas, “Capítulo 5 – Brasil”; e Yang, “O comércio”.

⁵¹ Sakurai, Celia, “Capítulo 7 – Brasil. De los primeros inmigrantes a los dekasegui”, en Banco Interamericano de Desarrollo (ed.), *Cuando Oriente llegó a América; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*, Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, 2004, pp. 137-160.

⁵² Paiva, *Breve história*.

⁵³ Dados do Governo Brasileiro, 2000, apud Editora Abril, *Almanaque Abril 2002*.

⁵⁴ Jornal *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 de dezembro de 2004, pp. H3, H5; 20 de março de 2005, p. A22; 12 de março de 2006, pp. C1, C3, C4, C5; 18 de março de 2006, p. A36.

⁵⁵ Conferir Sales, Teresa, “A legitimidade da condição clandestina”, *Travessia – Revista do Migrante*, Ano XI, n.º 30, Jan.-Abr. (1998), pp. 13-16; e também da mesma autora, *Brasileiros longe de casa*, São Paulo: Cortez, 1999.

⁵⁶ *Travessia – Revista do Migrante*, Ano VIII, N.º 21, Jan.-Abr. (1995).

⁵⁷ Sales, *Brasileiros longe de casa*.

⁵⁸ BBC - British Broadcast Corporation, The. “Fluxo para países ricos cresceu 10% em 2005, diz OCDE”, BBC (2007), http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070625_relatorioocdeebc.shtml.

⁵⁹ Jornal International Press, “Outros Brasis”, *Jornal International Press*, Tokyo, 10 de janeiro de 2004, p. B8.

⁶⁰ Huntington, *O choque das civilizações*.

⁶¹ Veras, Maura Pardini Bicudo, “Estrangeiros na metrópole: espacialização, trajetórias e redes de sociabilidade dos imigrantes em São Paulo”, São Paulo: CNPq, Relatórios Parcial e Final de Pesquisa, de 1 de março de 1999 a 28 de fevereiro de 2001 (inédito).

⁶² Jornal Folha de São Paulo, “Chineses no Brasil”, *Jornal Folha de São Paulo*, 31 de janeiro (2007), <http://www.folha.uol.com.br>.

⁶³ Museu da Imigração, *série Depoimentos*, N.º 84. Entrevistado: James Lee Hoi On.

⁶⁴ Negawa, Sachio, “Formação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000”, defesa de tese, Universidade de São Paulo, 2000.

⁶⁵ De Freitas, conferir “Falamos os imigrantes”; e “Capítulo 5 – Brasil”.

⁶⁶ Biblioteca del Congreso Nacional de Chile, “Chinos”.

⁶⁷ Overseas Compatriot Affairs Commission, R.O.C., “The Ranking of Ethnic Chinese Population”, Overseas Compatriot Affairs Commission, R.O.C. (2005), <http://www.ocac.gov.tw/english/public/public.asp?selno=1163&no=1163&level=B>.

⁶⁸ Museu da Imigração, *série Depoimentos*, N.º 258. Entrevistado: Lawrence Phi.

⁶⁹ Museu da Imigração, *série Depoimentos*, N.º 88. Entrevistado: Wong Sun Keung.

⁷⁰ Freitas, “Capítulo 5 – Brasil”, p. 103.

⁷¹ Revista Ponte, “Quem somos”, *Revista Ponte*, 18 de outubro (2007), <http://www.revistaponte.com.br/quemsomos.htm>.

⁷² Bellini, Nilza, “Apetite de dragão: Brasil descobre a China e reforça laços culturais e comerciais”, SESC-SP – Serviço Social do

Comércio – São Paulo (2006), http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=207&breadcrumb=1&Artigo_ID=3269&IDCategoria=3541&reftype=1.

⁷³ CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, “Um bispo chinês na Amazônia”, *Revista Missões*, 03 de setembro (2007), <http://www.revistamissoes.org.br>.

⁷⁴ Shyu, David Jye, “Estudo da linguagem na comunidade chinesa em São Paulo – Influência da língua portuguesa e do dialeto taiwanês na língua oficial”, defesa de tese, Universidade de São Paulo, 2000.

⁷⁵ Biblioteca del Congreso Nacional de Chile, “Chinos”.

⁷⁶ Story, *China*.

